

TRIBUNA Ligeira

SEMANÁRIO DE CRÍTICA E ACTUALIDADES

EDITORA PAULO BARBOSA DE MACEDO

DIRECTOR ANTONIO JOSE DA COSTA

REDACTOR JOAO BARBOSA DE MACEDO

EDITORIAL PAULO BARBOSA DE MACEDO

IMPRESSÃO Imprensa e Relações LIGEIRA DE OLIVEIRA SALAZAR III 52119 - AMARES

Tentando remediar uma falta incrível

Várias pessoas se nos têm dirigido a informar-nos que anda no ar o boato de que a electrificação de Bouro e freguesias limítrofes se não fez porque o contracto entre a Companhia e a Câmara era válido por 5 anos, prazo que terminou, ainda, na gestão do sr. dr. Eduardo Gonçalves, não tendo sido renovado.

A origem do boato é, a nosso ver, a própria Câmara, em cu-

jos arquivos se encontraria a desculpa para a grande e escandalosa falta.

Má fé, terrível má fé, que iria envolver o nome daquele que foi um escrupuloso e activo presidente da Câmara e deixou uma obra imperecível e sã.

Mas os nossos leitores lembrem-se de quererem negar os anúncios alegando que não

existia a disposição em que nos baseávamos.

Foi preciso que a entidade competente dissesse à Secretaria da nossa Câmara que o documento estava lá, a data que entrou, etc, e então ele apareceu.

Os documentos comprovativos de que o contrato caducou por culpa de quem sabemos, numa incúria que custou ao concelho oito centos contos, também lá estão e serão encontrados em breve.

Pena é, que quem superintende nos serviços, não estivesse atento e deixasse consumir uma falta que é terrível pelas suas consequências e que nós não deixaremos passar em julgado por mais deligências que façam.

O contrato foi feito em 3 de Julho de 1933 e o periodo de cinco anos terminou em 1938.

O Sr. Dr. Eduardo Gonçalves, atento aos superiores interesses do concelho incumbiu pessoa idónea para tratar do assunto e o prazo foi dilatado.

O que aconteceu depois é que, não obstante as freguesias a electrificar serem as que são, não obstante o preço irrisório do dispêndio do Município deixaram caducar o prazo.

Não se surpreendam. Já assim aconteceu com a rodovia entre o Bário e Amares, com a pesquisa de águas para Caldelas, etc, etc, num prejuizo superior aos mil contos.

E obras feitas? Respondam os responsáveis.

O alcoolismo, eterno cancro social

Alguém se nos referiu no último número para dizermos alguma coisa sobre o tema das tabernas, que tão agitado tem andado na freguesia de Lago, deste Concelho.

Se nós fôssemos realmente capazes, com duas penas, de remediar o problema das tabernas, diriam que a nossa caneta teria o poder mágico da varinha de condão, o que verdadeiramente não tem para que possa fazer vergar o alcoolismo, senão ao peso da razão, à força encontadora da magia, em que ninguém já acredita.

Não queremos abordar o assunto que traz o povo de Lago agitado e muita gente de bom senso intrigada com a questiúncula.

Sugestionou-nos no entanto o tema apresentado, visto que o pessoal das tabernas também possui todo o direito de obter o descanso semanal, que toda a gente tem, quer queira quer não, excepto, pelo visto, o taberneiro.

Boa medida a que sugere J. P., de se manterem as tabernas encerradas ao Domingo, pelo menos da parte de tarde.

O vício do álcool terá, a nosso ver, como principal causa a abertura das tabernas ao Domingo, porque nas aldeias a taberna é como que um centro de reunião, o clube do vício, que arrasta por vezes inúmeras pessoas não viciadas à prática do alcoolismo.

O hábito faz o monge: na taberna, onde terá de beber-se vinho porque outra coisa não há e onde se entra por distração mas dela se sai ébrio por necessidade de fazer despesa, cria-se o hábito, em gerações inteiras, do vinho e do jogo, que se vai inveterando nos filhos a exemplo dos pais. Daí a generalização assustadora do alcoolismo, com a degradante situação moral e material do alcoólico, que o vício não deixa desempenhar os seus deveres sociais convenientemente: nem como chefe de família, cu-

(Continua na 4.ª página)

MONOGRAFIA DO CONCELHO DE AMARES

Por Domingos M. da Silva

Continuação do número anterior

Esta freguesia uniu-se a S.ta Marinha de Remelhe; era do couto de Vilar de Frades, na terra de Faria. (Carvalho da Costa-V. I-319).

O Nobiliário de Felgueiras Gaio traz a linhagem de Gualdim Pais nos títulos de «Prados e Carpinteiros», de que procedem os «Ramirões»:

- 1—D. Aires Carpinteiro c. c. D. Dameana de Selhariz que fez o mosteiro de Lomar de Tebosa.
- 2—D. Ramiro Aires.
- 2—D. Mendo Aires—Lopo Mendes—Gomes Lopes de Guisande.
- 2—D. Ramiro Aires c. c. Teresa (ou Elvira Peres) filhas de Pedro Afonso de Durrães que fundou o mosteiro de Manhente de sua mulher Godinha Eris, filha de Ero Mendes de Molles que fundou o mosteiro de S.ta Ovaia (S.ta Eulália de Arnoso).
- 3—D. Paio Ramires.
- 3—D. Gonçalo Ramires c. c. Godinha Nunes filha de Nuno Pais Vida, tiveram Urraca Gomes, mulher de Fernão Silvestre de Encourados.
- 3—D. Urraca Ramires c. c. Egas Pais de Terroselo outros dizem de Fornelos.
- 3—D. Ouroana Ramires c. c. Mem Gonçalves de Molles.
- 3—D. Paio Ramires c. c. Ouroana Martins de Caldelas de Galiza 1.ª vez e teve Vasco Pais que foi alcaide-mór de Coimbra; 2.ª vez c. Gontro de Soares Correia filha de Soeiro Pais Correia (no título dos Correias de Parelães em Riba de Neiva).
- 4—D. Galdim Pais do Templo que fez os castelos de Tomar, Pombal, Almourol...
- 4—D. Gomes Pais de Püscos (Priscos).
- 4—D. Sancha Pais, mulher de Paio Gomes Cravel tiveram Constança Pais mulher de Gomes Mendes Barreto, pais de Paio Gomes Barreto que o tio-avó admitiu da Ordem do Templo:

«E este mestre dom Gualdim Paez do Templo me-teo em ordem dom Paay Gomez Barreto seu sobrinho filho de dona Constança Paez sa sobrinha filha de dom Paay Gomez Gabere e de dona Sancha Paez irmã do mestre, sendo dom Paay Gomez muy moço». (Scriptores-Conde D. Pedro, pag. 360 sob o título LVI).

Compulsando, pois, atentamente os Nobiliários, verifica-se que D. Gualdim Pais encontra na sua linha de costados e mais próximos parentes seguintes personagens:

- D. Soeiro Guedes que fundou o most.º da Varzea.
- D. Godinho Viegas de Azevedo que fundou o de Vilar de Frades.
- D. Ero Mendes de Molles o de S.ta Ovaia (Arnoso).

(Continua na 6.ª página)

Presidente da Câmara Municipal de Braga

Foi reconduzido no cargo de presidente da Câmara Municipal de Braga, o Sr. António Maria Santos da Cunha.

S. José Um homem... Um modelo

Rassou esta semana o dia 19 de Março, dia consagrado à comemoração do Trânsito de S. José, esposo da Virgem mãe de Deus. Natural da Judeia e descendente do santo rei e profeta David tribo de Judá. S. José não possuía riquezas nem títulos que o impusessem à consideração dos grandes do Mundo. Apesar disso as virtudes que praticava, em alta perfeição, tornaram-no predilecto a Deus e imortal diante dos homens. A ar-

te de carpinteiro serviu-lhe para comer o pão amassado com o suor do rosto e mostrar aos preguiçosos e gozadores da vida que o trabalho não desonra, é um dever, e, como tal, é o meio de cumprir a lei de Deus praticando as mais acrisoladas virtudes de abnegação e sacrifício. Não sabemos se este grande Patriarca foi purificado no ventre materno. Contudo, a pureza foi nele uma das virtudes mais salientes. Diz a tradição que a Virgem Maria tinha acabado o seu tempo colegial no templo de Jerusalem, e ia voltar para o mundo. Seus pais, S. Joaquim e Santa Ana, estavam com Deus e já a não podiam amparar. Como ela se tinha consagrado a Deus, no tem-

(Continua na 4.ª página)

Comentários

Chegou a primavera

Chegou a primavera. Nunca a desejamos tanto, ora pela beleza que a natureza lhe empresta, ora pela mensagem de esperança que nos traz.

Atraz de si o negrume da tristeza, um cemitério de ilusões perdidas, uma infinidade de crepes pretos a assinalar uma época de luto.

Na frente a confiança em dias brilhantes de luz, férteis em realidades palpáveis, plenos de actividade, vida e cor, policromia de satisfações morais, sociais e... locais.

Despem-se os fatos de inverno, a sua recordação não inspira saudade e o bom senso aconselha esquecimento.

Os de agora serão mais leves e mais vivos, trarão em si mais alegria à vista; o fardo pesado e grosseiro que tanto nos torturou vai descansar ao canto de uma mala ou seguro num guarda-fatos deixando a humanidade que tanto fez sofrer.

Os homes sentem intimamente a natureza e reagem tentando acompanhar as suas motações.

Nós, que tanto ansiamos esta primavera da natureza sentimo-la, radiantes, como se fora a primavera da vida. E tanto a desejamos que já sentimos uma convicção tão arraigada que já é, afinal, a certeza.

TRIBUNA CINEMATOGRAFICA

ALFRED HITCHCOCK E A EMOÇÃO

II

A apresentação, em Portugal, do filme *Ladrão de Casaca* (To Catch a Thief) coincidiu com os acontecimentos memoráveis que se efectuaram no principado de Mónaco, acontecimentos esses que levou todo o mundo, de perto e de longe, a viver, numa euforia que se manteve viva e colorida até ao último momento, a consagração plena, vibrante de emoção e beleza, numa história de amor que as filmagens da película, de certo, muito contribuíram para a sua publicidade e tensão romântica.

Não admira, por isso, que o espectador mais anónimo e pouco ligado com os assuntos do cinema, se apressasse a ver o filme para admirar a mulher, cuja genealogia, vincadamente plebeia, remonta à mais humilde origem, que conquistou o coração e a alma dum príncipe—mais talvez do que para deliciar-se, verdadeiramente, com o trabalho de uma das mais valorosas e inteligentes atrizes do nosso tempo.

As jovens, e as que ainda têm a ilusão de o ser, depenicaram na beleza e na elegância de Grace. Os homens, possivelmente, não lhe encontram atractivos de grande tomo. Uns acham-na magra, outros feia. Mas o que é verdade é que Grace é uma grande e talentosa artista.

O filme passou, como passou a euforia de um romance que alimentou opiniões, ainda as mais dispares. Grace Kelly é hoje, na tela da vida, uma das mais lindas princesas, e, continue ou não a trabalhar no cinema, a sua arte, a sua juventude, a sua ardente e aliciante graciosidade ficarão como símbolos eternos na história da « sétima arte ».

A literatura detectivesca distingue-se de todos os outros tipos de literatura de sensação pela sua insistência na normalidade. O acontecimento anormal—roubo, fogo posto, assassinio—é explicado em termos do material, do lógico. O crime é a pedra atirada a um lago tranquilo, é o fio colorido tecido num padrão neutro e cinzento—assim escreveu, há tempos, o celebre e famoso Hitchcock.

Literatura e cinema são duas ideias, dois pensamentos, dois conceitos que gravitam na mesma órbita na sua directa relação com a arte. O cinema, quando se inspira na literatura, não só a valoriza: recria-a e torna-a activa, visualizando o que aparentemente nos parece estático ou irreal. Tem razão Hitchcock, dado que as suas palavras, em confronto com os seus filmes, são uma e a mesma ideia, um e o mesmo pensamento.

Hitchcock nem se nos apresenta superior nem inferior. Este seu filme nem é melhor nem pior de todos os que nos tem oferecido.

A linha de equilíbrio na arte do director de LADRÃO DE CASACA está na inteligente coordenação dum estilo cinematográfico e na justa compreensão dum artista que não se esquece de que o cinema é coisa que deve ser vista, não por meia dúzia de indivíduos, mas por uma multidão. O cinema deve de agradar à maioria. O realizador de fitas não se pode esquecer disso. E não afeiçoar a arte que serve, arranjando em todas as plateias amigos e admiradores. Dá-nos filmes subtilmente feitos, como só ele sabe e pode fazer. Contenta os críticos delicia todo o espectador. É tão simples, tão despido de « peneiras » que, perante seus filmes, qualquer um se pode julgar capaz de dirigir uma história...

Eis o ponto capital na filmografia do bizarro cineasta inglês: dirigir uma história. Há directores, bons directores, que não sabe dirigir um argumento, um cenário cinematográfico. Hitchcock sabe, dando à literatura policial aquele conteúdo de verdade e aquela nota de realidade que muitos novelistas do género, nas páginas que nos dão, gostariam de criar. A dificuldade, mas também facilidade de Hitchcock está em ele ser, acima de tudo, simples, modesto, natural, mais humano do que policial.

Verificamos, então, que a progressão do seu estilo oferece-nos, presentemente, e talvez do filme « *Difamação* » para cá, a natureza dum efeito dramático mais de sensibilidade e de sexo, de espirito alegre e risonho, do que aquela sensação de desespero e tortura violenta que se define no cinema (ou por outras palavras: que o cinema definiu) por « suspense ».

LADRÃO DE CASACA não é, por isso, nem melhor nem pior se o analisarmos como obra processada nas linhas do « suspense », de que tanto se fala sempre que está em causa o nome de Alfred Hitchcock.

Noticiário

Da metro

A M-G-M está a rodar actualmente em Itália o filme em cinemascope «TEN THOUSAND BEDROOMS» com Dean Martin, Anna Maria Alberghegi, Eva Bartok, Dewey Martin, Walter Slezak e Paul Henreide. Realização a cargo de Richard Thorpe.

Da Paramount

A versátil beleza que é Audrey Hepburn, é presentemente a estrela de duas produções da Paramount. Não somente é a protagonista feminina da versão cinematográfica da novela de Tolstoi, «A Guerra e a Paz» (War And Peace), como vai estrear, como dançarina e cantora ao lado de Frede Astaire no delicioso musical em VistaVisão «Funny Face». Este ultimo filme, ainda não tem título selecionado em português.

Tem, não há dúvida nenhuma, como base de seus filmes, histórias no jeito policial, e dá-nos sempre uma ou duas sequências que mantêm o espectador em certa expectativa. (A cena preparada para a captura do «Gato», no parque e nas vésperas da festa de grande gala, ou a que se lhe segue e decorre por sobre os telhados, são autênticas construções que dominam toda uma plateia, pondo-nos em constante e silenciosa expectativa). É, nessas sequências, no entanto, mais dramático e sensivelmente humano, do que violento ou terrorizante. E convém verificar que os seus assassinos têm a atenuar-lhes a acção um sentimento tal, pelo qual concluímos numa imanência humana que não chega a ser afectada ou corrompida.

Assim, Hitchcock vai, plácidamente, dando ao seu numeroso público películas bem feitas, agradáveis, cheias de ritmo, de uma pontuação visual que se demarca entre o diagonal e o rectilíneo, na ordem formal da sua construção, como se nos deparou em LADRÃO DE CASACA, já verificado, no entanto, em «A Janela Indiscreta», mais de natureza circular.

Joaquim Monteiro (Jorge)

Da Fox

ABNEGAÇÃO DE MULHER (A Hatful of Rain) produzido por Buddy Adler e dirigido por Fred Zinnemann será interpretado por Eva Marie Saint, Don Murray e Lloyd Nolan e Anthony Franciosa que vai reviver no ecran este drama que interpretou teatros de Broadway. Franciosa assinou um contrato com a Fox para mais 3 filmes.

Pequenas Biografias

VALERIE ALLEN

Valerie Allen, a glamorosa recém-chegada que a Paramount está preparando para o estrelato, apareceu ligeiramente em três filmes da Paramount «O Otário e a Vigarista», (The Birds and The Bees), «O Testa De Ferro» (That Certain Feeling) e a comédia de Jerry Lewis e

Dean Martin «O Rei Do Lado» (Partners). Valerie herdou a sua beleza morena da sua mãe que foi uma corista da Ziegfeld Follies. A nova estrelinha, que há muito pouco tempo não tinha ambições de representar nem no palco nem na tela, frequentou uma universidade em Los Angeles na intenção de se tornar professora, mas agora está trabalhando activamente para terminar um curso de arte dramática. Valerie conta 22 anos, é solteira e não tem compromissos, por enquanto. «Estou muito interessada em minha carreira para pensar em casamento agora», diz ela.

Martine Carol num filme americano ao lado de VAN JOHNSON

Martine Carol, artista francesa e esposa do cineasta Christian Jacque, o conhecido realizador de *Um sino na Montanha*, *As Aventuras de Fanfan la Tulipe*, *Lucrecia Borgia*, *Naná* e outros filmes, acaba de firmar contrato com a Metro, para a qual interpretará a figura feminina no filme «Action Of The Tiger» cujo papel masculino será vivido pelo talentoso Van Johnson, intérprete inescusável de *O Fardo da Garrafa*, *A Última vez que vi Paris* e *A 23 passos do Abismo*.

A bela artista francesa dá assim um grande passo na sua carreira. «Action Of The Tiger» será uma produção Claridge, filmada em cinemascope.

SUBLIME TENTACÃO é o filme realizado por William Wyler

O conhecido director americano William Wyler que, entre outras obras, nos deu *Entre duas Lágrimas*, *História dum Detective*, *A Herdeira*, *Os Melhores Anos da Nossa Vida*, *A Família Miniver*, *Ladrões no Mercado* e *Horas de Desespero*, acaba de terminar mais uma película: *SUBLIME TENTACÃO* (Friendly Persuasion) que será, por certo, mais uma obra-prima interpretada por Gary Cooper, Dorothy Mc Guire e Richard Eyer.

Filme produzido nos estúdios da Metro.

Assina
e propaga
a «Tribuna Livre»

ALFAIATARIA "BELCORTE" DE

José Eduardo Macedo Gonçalves

Confecciona fatos para **HOMEM, SENHORA e CRIANÇA**
CORTE ESMERADO e ÓPTIMOS ACABAMENTOS

PREÇOS MÓDICOS

Não se esqueça: ALFAIATARIA "BELCORTE,"

LARGO DR. OLIVEIRA SALAZAR — AMARES

Relojoaria Maurício Queiroz

CASA FUNDADA EM 1903

Oficina completa de reparações de relógios de todo o género.

Completo sortido de relógios das melhores marcas.

R. D. Frei Caetano Brandão Telefone 2526 BRAGA

TRIBUNA do CONCELHO

Bouro

Ofertas para Nossa Senhora da Abadia

É no próximo dia 5 de Abril, que o Concelho de Amares e outras freguesias dos concelhos vizinhos, tais como: Póvoa de Lanhoso, Vieira do Minho e Terras de Bouro, vêm depor aos pés da Virgem Senhora da Abadia as suas ofertas, com a assistência das pessoas mais gradas do concelho.

Para esse efeito a Imagem da Milagrosa Senhora da Abadia, estará exposta na Igreja de Bouro no dia acima referido.

A concentração dos carros com madeiras e outros artigos oferecidos será no Largo do Terreiro em Bouro, onde tudo será depositado.

O desfile de carros principiará pelas 13 horas.

Devotos de Nossa Senhora da Abadia que vos encontras ausentes: Confiamos na vossa fé e devoção por esta Milagrosa Senhora e esperamos que todos concorram para a grande obra a realizar.

Esperamos que neste dia

Novo comandante dos Bombeiros V. de Amares

Acaba de ser proposto para comandante do corpo activo da Associação dos Bombeiros Voluntários de Amares o sr. António Narciso Gonçalves Macedo, nosso conterrâneo e amigo.

Aprumado, activo e ponderado, o novo comandante da nossa Associação oferece as melhores condições para o desempenho das funções para que foi proposto.

Estamos convencidos de que da sua actividade muito beneficiará a nossa Corporação tão necessitada do seu valioso concurso.

Figueiredo

Por informações recebidas, constatou-se que a queixa apresentada por Olivia de Jesus Gonçalves, casada, contra Fernando Almeida da Silva, solteiro, motorista, Joaquim Fernando Vilela Ribeiro, solteiro motorista, Ernesto Fernando Ribeiro da Cunha, solteiro, serralheiro, João Manuel Barreiros, solteiro, serralheiro, e Luis da Silva Machado, este desta freguesia e os outros de Bouro que publicamos no número anterior, não tem fundamento.

Acrescentamos ainda que a denuncia baseia-se unicamente numa vingança por parte da queixosa Olivia.

J. A.

ninguem falte com o seu donativo, para que a milagrosa Senhora da Abadia, volte a gozar os seus dias de florescência e atinja muito breve o lugar da vanguarda que tão dignamente merece.

Esta milagrosa Senhora que sempre vela pelos seus devotos e atende sempre aos que a Ela recorrem, há-de compensar os nossos esforços e há-de proporcionar-nos muitas felicidades na vida.

Confiados no amor e devoção que tão milagrosa Senhora nos merece, gritamos de novo.

Contribuamos todos para uma Abadia Brilhante.

A. Fernandes

Novos assinantes

Por indicação do Sr. António José Ferreira, nosso conterrâneo, mas actualmente estabelecido em Lisboa, tivemos a honra de inscrever como novos assinantes os Srs. Manuel Dias Esteves, residente na rua da Fé, Lisboa e Francisco Xavier da Silva, também residente em Lisboa;

Pelo nosso estimado assinante Sr. Domingos da Silva, foi-nos indicado para novo assinante o Sr. Abilio da Silva e Sousa nosso conterrâneo de Paredes Secas, mas actualmente na P.S.P. em Lisboa;

Pelo nosso ilustre assinante Sr. José Gomes dos Santos Soares, de Esqueiros, Vila Verde, foi-nos indicado o Sr. Joaquim José da Cruz Pereira, de Travassós, Vila Verde, para novo assinante;

Pelo Sr. Agostinho César Correia Peixoto, de Goães, foi-nos indicado o Sr. Serafim da Silva, nosso conterrâneo e actualmente em França, para novo assinante.

Conforme combinado, enviamos-lhes os números desde Janeiro, inclusivé;

Recebemos pedido do Sr. João da Costa residente em Vila Real, para a sua inscrição como novo assinante, o que já executamos.

Já fizemos seguir os números de Fevereiro, pp. conforme seu desejo.

A todos quanto tiveram a gentileza de nos indicar e pedir a sua inscrição como novos assinantes apresentamos-lhes os nossos vivos agradecimentos.

Novos estabelecimentos Bouro

Foi requerido à Câmara Municipal deste concelho por Horácio de Jesus Loureiro, casado, comerciante, residente no lugar do Cano, da freguesia de Santa Maria de Bouro, alvará de licenciamento sanitário para funcionamento de um talho, para abate e venda de carne suína e seus derivados, a instalar no seu prédio, sito no mesmo lugar e freguesia.

Rendufe

Para o mesmo fim também foi requerido por Maria da Silva Veloso, viúva, residente no lugar da Cova, da freguesia de Rendufe, a instalar no seu estabelecimento sito no lugar e freguesia supra citados.

Amares

Ciclista desastroso

No passado sábado, quando se dirigia do Largo Dr. Oliveira Salazar para a Farmácia Pinheiro Manso, onde exerce a profissão de aprendiz, o menor Agostinho Victoriano Veloso Soares, montando uma bicicleta e ao tentar ultrapassar um carro de bois no lugar do Barrio fez com tanta infelicidade a manobra, que perdeu o controle do veículo tendo-se estatelado no solo.

Da queda o infeliz ciclista sofreu fractura da cana do nariz e ferimentos nos joelhos, mãos e couro cabeludo e ainda a perda de dois dentes.

Depois de receber tratamento no Banco da Santa Casa de Misericórdia desta Vila, regressou a casa.

C.

Vida elegante

Aniversários

No passado dia 18, completou um ano de idade o menino José Carlos Antunes Martins.

Amanhã—A Sra. D. Maria Isabel Calheiros Cruz e o Sr. Francisco José Calheiros Cruz.

Quarta-feira—A Sra. D. Elvira Gonçalves Leite, o Sr. Tomé José Gonçalves e o Sr. Joaquim José de Macedo Martins.

Bazar em benefício das Festas a Santo António

Realiza no dia 31 do corrente mês, no Largo Dr. Oliveira Salazar um grandioso bazar de prendas em benefício das festas em honra do Santo taumaturgo que se efectua como todos os anos no mês de Junho.

Espera-se de todos os bairristas a melhor colaboração, para que seja bastante fértil em prendas e que possa dar o máximo rendimento contribuindo desta forma para

o engrandecimento das já afamadas festas.

A aparelhagem sonora do F. C. de Amares, com a sua moderna colecção de discos, abrihantará a quermesse, que promete chamar grande número de forasteiros.—C.

Besteiros

Precedida de um tríduo de pregações feitas pelo Rev. P.e Albino de Minhotães—Barcelos—realizou-se no passado dia 19 a festa em honra do Glorioso S. José—promovida pelos Josés da freguesia de Besteiros. Houve Hora Santa—pregada na véspera. De manhã—a missa da comunhão geral e às 8,30 horas a missa cantada da festa. De tarde o Sermão foi feito pelo Rev. P.e Lima de Albeira—Barcelos—e a procissão eucarística presidida pelo Rev. P.e João Joaquim de Sousa e acolitado pelo Rev. Abade de Carrizado e Minhotães. Foi mestre de cerimónias o Rev. P.e Calisto Vieira—e fizeram o Côro as meninas de Santa Filomena habilmente dirigidas e ensaiadas pela organista D. Rosa Maria Veloso—bem como o violinista Senhor Afonso—que empresta ac grupo coral a sua rara habilidade. Houve bastantes foguetes, fogo de vistas e as cerimónias religiosas foram retransmitidas por uma aparelhagem de som. Tudo correu bem e sem nota

discordante. Parabens à Comissão promotora, e a todo o bom povo de Besteiros que soube corresponder.

HUMORISMO

Conversando

—Vinha pedir à V. Ex.a aumento de ordenado... casei-me a semana passada.

—Ah! meu caro amigo, tenho muita pena mas não posso ser o responsável por um acidente de que foi vítima fora das horas de trabalho...

Terrível vingança

—Meu marido não me quis comprar aquele vestido que tanto gostava... Mas vinguei-me...

—Como?

—Ontem para jantar mandei assar um frango...

—Teve alguma indigestão?

—Não. Escondi-lhe a dentadura.

Reposta acertada

Ela:—Diz lá o que se-riás se não fosse o meu dinheiro?

Ele (com ar triste):—Era solteiro.

Versos de Rapaz

Expatriado

Nesta cálida tarde, a bordo do Orcôma,
Pousando os olhos tristes na amplidão do mar
Procuro mas em vão ao longe devisar
Dos montes do Brasil a verdejante côma.

Na saudade que levo, e tanto o ser me doma
E me confrange o seio em ancia a soluçar,
Debalde uma esperança eu tenho alimentar,
Porque ao meu coração maior tristeza assoma.

Entretanto o navio, alheio às grandes mágoas,
Continua a singrar a vastidão das águas
Buscando lá no fim o porto de Lisboa.

Mas eu não te verei ó meu Pátrio torrão,
Que o meu destino agora é o Africano chão,
Pra onde outro navio há-de virar a proa.

A bordo do Orcôma; Alto Mar, 5 de Março de 1912

UERBA

ZÓZIMO S. RAMOS

MÉDICO

Consultas, com hora previamente marcada,
aos sábados e domingos.

Na rua de São Marcos, n.º 127-1.º, em Braga

O alcoolismo, eterno cancro social

(Continuação da 1.ª página)

jo sustento não poderá manter por falta de dinheiro que gastou indevidamente; nem como educador, pois não tem força moral para repreender; nem como trabalhador porque falta frequentemente aos seus deveres, por preferir o vício ao trabalho; nem mesmo como agente transmissor da vida, em que o álcool desempenha consequências nefastas, manifestadas em taras tão perigosas como a própria loucura, no invertido no vício e na sua descendência. Por que se continuará neste estado de coisas, de manter abertas as tabernas ao Domingo?

Supomos que se não pede coisa contrária à lei, mas está a exigir-se apenas o cumprimento da lei geral do trabalho.

Muito bem poderia ser que com o decorrer do tempo, se mudassem um pouco os hábitos da propagação do vício do álcool, desde que o alcoólico não tivesse à disposição o seu clube favorito.

Certamente procuraria outras distrações mais úteis e mais proveitosas, sobretudo à sua família.

O vácuo criado pelo desaparecimento desta distração do alcoólico, teria de ser preenchido por outra coisa, boa ou má.

E aqui, damos a palavra às Casas do Povo.

Através das suas secções de cultura e recreio, compete as estas instituições introduzir novos hábitos no povo seu associado. Para isso terão à disposição o valioso e indispensável auxílio e orientação do Instituto Nacional do Trabalho e Previdência.

É caso curioso!—viemos afinal tocar no ponto essencial da questão; viemos topar a chave do problema. Ao Instituto, que compete superintender na acção das Casas do Povo, também lhe compete fazer cumprir as leis do trabalho. Por isso, está reservado às Casas do Povo, se o quizerem, representar nesse sentido e remediarem assim um dos males que não tem sido possível resolver doutra forma, provavelmente por não se ter tocado a tecla própria, e que o clero, mesmo com brados quase afilivados de socorro, também não tem podido remediar até hoje, mas que o Instituto, solicitado pelas Casas do Povo, poderá solucionar dentro da sua esfera de acção educadora das classes trabalhadoras; e fazendo-o, poderá orgulhar-se de ter praticado um dos maiores serviços.

Efectivamente, se é uma obra de misericórdia «ensinar os ignorantes» na Campanha Nacional de Educação de Adultos, é igualmente obra de misericórdia e não de menor valia, corrigir fraternalmente, caritativamente. A Campanha de formação social em curso, teria na regeneração dos alcoólicos um dos seus melhores campos de acção, que aquirem a oportunidade.

O clero tem certa razão em

lastimar-se, por ver afundar na escola do vício, a juventude que acaba de sair da escola da catequese.

O alcoolismo é um dos problemas mais preocupantes do profilaxia social, mas no seu banimento tem-se conseguido inutilizar muitas boas vontades, sem se saber as verdadeiras razões que têm impedido, por exemplo, o encerramento das tabernas ao Domingo, pelo menos da parte de tarde.

Quando se afirmar que «beber vinho é dar de comer a um milhão de portugueses», acrescentar-se-á que deixar de beber em excesso é revigorar a raça e fortalecer o espírito a mais do oito milhões.

Esta nossa exposição poderia ser já o primeiro elemento de estudo a apresentar pelas Casas do Povo ao Instituto Nacional do Trabalho e Previdência, ou melhor, à sua Delegação em Braga.

EME

Tribuna de Vila Verde

(Continuação da 6.ª página)

do caminho Municipal do lugar do Arinho ao lugar de S. to Isidro, freguesia de Sabariz, 1.ª fase. Satisfeito.

Da mesma Direcção, pedindo o material didáctico necessário para a escola feminina do núcleo de Codessal, freguesia de Duas Igrejas, a fim de poder funcionar. Deferido o pedido.

Da mesma Direcção, pedindo se a Câmara já tomou qualquer deliberação quanto ao embargo das obras do edifício em construção, junto das escolas do Bom Sucesso, freguesia de Prado S.ta Maria. Já satisfeito em 23-2-957.

Ainda da mesma Direcção informando que foi superiormente aprovado o «croquis» do terreno pertencente a herdeiros de José da Mota e destinado a construção do edifício escolar, de uma sala, do núcleo de Francelos, freguesia de (Prado S.ta Maria). Adquirir-se o terreno e satisfaça-se.

Do Sr. Presidente da Junta de Arcozelo, enviando um projecto dum corte de estrada Municipal desde a estrada Nacional que passa em Marrancos, até ao centro da freguesia. Pedida a participação do Sr. Presidente da Junta da freguesia de Turiz, pedindo um subsídio de 1.000\$00, para a reparação do caminho que vai do lugar de Pombal a Araújo, por se encontrar intrânsitável devido ao último inverno. Volte a nova reunião.

Do Sr. Presidente da Junta de Valdeu, pedindo o alargamento do actual caminho que conduz à fonte pública, visto ser muito estreito, não ter muro de vedação, estar a fonte mais funda que o caminho e constituir perigo para as pessoas que ne-

Factos & Comentários

(Continuação da 5.ª página)

romarias do S. Bento e de N. S. da Abadia. As caminhetas que, por aqui estacionam, nessa altura é mesmo durante todo o verão, sobretudo aos domingos, podem contar-se às dezenas. O espectáculo é sempre o mesmo. Os plátanos do Largo da Feira Nova é que sofrem as consequências...

Gente de muito longe. Chega. Pergunta. E como a resposta é, para vergonha nossa, negativa vai de não fazer cerimónias. É, sobejamente, conhecido que, porque a freguesia de Ferreiros é, salvo as devidas proporções, um grande aglomerado populacional, os miudos emprestam ao Largo, durante o verão, a animação das suas traquinices. Todos os admiram. Todos gostam, quantas vezes, de admirar o jogo da Bandeira e, vá lá, até os seus inofen-

sivos chutitos na bola de trapos. Da falta de uns miúdos públicos, a maior vítima é a inocência dos nossos miudos, não falando nas demais.

Ventos da Serra

(Continuação da 6.ª página)

tochão uma reza de finados misturada com o dobre triste dum sino e com o casquinar de bruxas de cara tenebrosas, a e mantéus negros a esvoaçar no mistério da noite.

Piquei cego pela loucura e pelo pavor, o cavalo que partiu relinchando sinistramente serra abaixo, perseguido pelos uivos da tempestade.

Parecia-me que uma mão estava prestes a agarrar-me: esporeei doidamente o animal mas eu sentia a mão cada vez mais próxima a aproximarse... aproximar-se inexoravelmente, com uma lentidão satânica, de quem não receia perder a presa certa; senti mais funda a plangência do ciciar dos pinheiros hirtos como fantasmas e impassíveis como porcas; só uns centímetros mais e a mão, negra como carvão, enorme, aumentando sempre abarçar-me-ia todo, levando-me para algures que eu não podia imaginar; um contacto frio tocou-me o pescoço alucinando-me ainda mais; finalmente tudo terminou: divisei ao fundo as luzes amigas da casa com um suspiro intindo de alívio; deixei-me cair na cama e logo o sono reparador e longo, me fez mergulhar ainda vagamente espavorido na doçura da consciência.

Continua no próximo número

S. José

(Continuação da 1.ª página)

plo, pertencia aos sacerdotes cuidarem-lhe do casamento. Entre os pretendentes, S. José teve a preferência, não só por ser da mesma tribo, mas acima de tudo, pela pureza da sua vida. Uma piedosa tradição diz que o supremo Sacerdote mandou os pretendentes à mão da Virgem Maria trazerem cada um sua vara para serem todas colocadas no Santo dos Santos, e pedir a Deus que fizesse reverdecer uma delas, indicando assim qual o escolhido para esposo da Mãe de Deus; e que foi a vara do S. José a única que enverdeceu e floriu, apresentando uma cândida flor, semelhante ao lírio, seja como for, a verdade é que S. José foi o preferido. Pela primeira vez, na história da humanidade, realizou-se um casamento em que os esposos se comprometeram guardar a mais perfeita castidade. Em S. José podemos admirar muitas e grandes virtudes que fazem dele um modelo perfeito dos homens e chefes de família. Admirado por ver a sua jovem e castíssima esposa apresentar sinais de gravidez, cala-se para a não desgostar, e resolve ausentar-se de maneira que ela não ficasse difamada. Ao referir este facto o Evangelho diz que S. José era justo. A Igreja

chama-lhe também justíssimo.

Quando a vontade de Deus se lhe manifesta nas leis humanas, divinas, ou nos avisos que o anjo do Senhor lhe vem fazer, obedece prontamente sem se queixar. Assim o vemos ir inscrever-se, com sua esposa, de Nazaré a Belém, no recenseamento ordenado pelo imperador de Roma; ir para o Egípto, através de mil dificuldades, poupando Jesus ao furor de Herodes; e voltar ai Nazaré sempre em obediência às ordens superiores. Por isso, a Igreja chama-lhe fortíssimo e obedientíssimo. Ao mesmo tempo que respeita e defende a pureza da sua castíssima esposa guarda ele mesmo a mais perfeita castidade e não deixa o seu coração prender-se a criatura alguma deste mundo. Por isso a Igreja chama-lhe, castíssimo e fidelíssimo.

Oxalá os rapazes e homens do nosso tempo olhem para S. José e aprendam deste grande e humilde santo o amor ao trabalho, e a castidade.

J. Ferreira

Aniversário Natalício

Na passada terça-feira dia de S. José, celebrou o seu aniversário Natalício a Senhora D. Rosa Maria Veloso, de Ferreiros Amares. Senhora de acrisoladas virtudes. Após brilhantes cerimónias religiosas celebradas na Igreja de Besteiros, segundo a intenção de Sua Ex.ª realizou-se um jantar íntimo e de gala na sua residência. Aos brindes feitos pelo Rev. P. e Calisto, P. e Albino, P. e Lima, P. e António de Oleiros, Abade de Carracedo, P. e Homenegildo, Senhor Afonso e Sr. Paredes foram enaltecidas as suas virtudes preciosas e a sua caridade e despreendimento.

Presidiu ao Jantar o M. Rev. P. e João Joaquim de Sousa e no final a Senhora foi muito cumprimentada e rezou-se pela alma do seu chorado marido Sr. António José Ribeiro. Falou-se sobre a Arquiconfraria de Santa Filomena e sobre a fundação do já tão discutido Patronato, que, oxalá, dentro em breve, não seja apenas um sonho, mas sim uma realidade.

Parabéns, e que esta data se repita por muitos anos.

C.

CONDIÇÕES de Assinatura

(pagamento Adiantado)

Continente e Ilhas

Semestre . . . 25\$00
Ano 50\$00

Ultramar e Brasil

(Por avião)

Semestre . . . 91\$00
Ano 182\$00

(Via marítima)

Semestre . . . 40\$00
Ano 80\$00

Estrangeiro

(Por avião)

Semestre . . . 115\$00
Ano 230\$00

(Via marítima)

Semestre . . . 60\$00
Ano 120\$00

TRIBUNA LIVRE
é distribuída em Braga,
no Quiosque Central,
Largo do Barão de São
Martinho

Tribuna Desportiva

A voz de um leitor

Os árbitros de Futebol

Um comentário, que lemos, há dias, num jornal não desportivo, constrange-nos a este desabafo, que, valhados a verdade, não podemos sopurtar mais tempo.

De há muito tempo a nossa impressão sobre árbitros de futebol é das mais desfavoráveis, e o ponto de vista da competência como da honestidade (?), pelo menos, por aquilo que nos tem sido dado presenciar com olhos que nem vêem para a direita nem para a esquerda, vêm para a frente, em linha bem rectilínea. Pelo menos, assim, o julgamos.

Aos desafios assistimos já que, só um cego, um desses desventurados que têm necessariamente de ser guiados por outrem, não vê a manifesta parcialidade desses senhores de apito, os quais só porque se viram elevados à alta dignidade de Juizes de Campo, se julgam com poderes para fazer tudo, prescindindo, muitas vezes, no seu requintado orgulho, da leal e honesta colaboração dos "liners".

Porque arbitram, julgam que, nas suas pessoas, reside e se encarna toda a autoridade, como que as Leis (sim, as leis do futebol também são leis!) não estivessem escritas e a elas, mais do que os próprios jogado-

res, lhes devem incondicional respeito.

* * *

No último desafio, em Guimarães, entre o S. de Braga e o Vitória, o que se verificou?

Para não fugir à regra, o Senhor Alvaro Rodrigues, de Coimbra, banhou-se nas mesmas águas dos seus colegas. O seu trabalho deixou muito a desejar, pois usando de critérios absolutamente diferentes, com manifesto favor para os da casa, soube invalidar 1 gol de Velez, dos chamados limpos, e esqueceu que o 1.º gol do Vitória foi precedido de falta de Ernesto sobre Faria, pois se esta não tivesse existido o guarda-bracarense captava a bola, e que Velez foi, intencionalmente (?) aleijado por Virgílio, que, mesmo que não usasse de má fé, procedeu à margem das leis.

A continuar assim as coisas vão de mal a pior. Os árbitros serão os primeiros a fazer desabar o pouco que tem de bom o nosso futebol.

De desporto transformá-lo em lutas desumanas.

E tudo por causa dos maus árbitros.

A estes impõe-se, além do mais, serem homens na verdadeira acepção da palavra. E

Album de coisas várias

Ainda não é desta vez que falarei das Pirâmides e do Egipto. Fiz dançar as folhas de papel rabiscadas de notas, nas mãos inconstantes, mas não fui capaz de encontrar a presença de Ariadna que me trouxesse o alívio e a serenidade na confusão em que me encontro. Não sei se é do tempo, quente e ardente (o calor por menos abafante que seja incomoda-me, impede-me de pensar e elaborar) ou se da falta de calma suficiente para alinhar duas palavras de interesse. Encontro-me vazio. Há dias assim. Por mais que pensemos, que tentemos fazer alguma coisa, não sai nada cá para fora, nada que valha a carícia feminina que doira as ramadas floridas das árvores que olho ao longe e que o Sol faz reluzir.

os homens que são homens, agem como tais.

* * *

Entre os 6 agrupamentos que disputam o Fase Final da II Divisão, avulta um que pela qualidade de futebol por si praticado, vaticinam de uma maneira geral, mesmo depois da estrondosa derrota de Guimarães, ser o campeão nacional.

Na verdade, tendo em atenção as suas reais possibilidades, o clube reúne certo favoritismo por ser a turma que melhor futebol pratica, repetimos mais limpo, mais prático, embora, neste ponto, as opiniões se desencontrem.

Contudo, um obstáculo se levanta e esse maior que uma saída do Braga a Coruche, Guimarães ou qualquer outra localidade. São, como é evidente os maus árbitros, que agindo com consciência não se envergonham de dessimulada parcialidade.

A permissão de jogo violento e as arbitrariedades que se cometem no Nacional da 2.ª Divisão, pelo menos na Fase Final, vão ser, por certo, os inimigos mais temidos do Sporting Clube de Braga.

J. V.

tenho consciência e penso e distingo, e me encontro calmo. O pombo é bem a mensagem da paz.

Em frente da janela, no segundo andar dum prédio antigo, de antepassada arquitectura, vive um casal de pombos que meus olhos não poderão jamais esquecer. Daqui em diante, todos os dias, quando algo me inquietar, ele será a minha companhia, o arrimo na tortura espiritual e solidão física em que normalmente me encontro.

Até breve, vizinhos pombos!

J.M. (J.)

Factos e comentários

Já há muito tempo, nas colunas deste Jornal, falamos sobre a necessidade premente da construção de uns mictórios públicos do Largo Doutor Oliveira Salazar, desta Vila. Evidentemente que ao levantarmos a questão sómente a ideia de progresso e sanidade nos animou, porquanto o Largo Doutor Oliveira Salazar, o centro mais comercial do concelho, local da feira semanal, exige que este melhoramento se torne realidade. É costume mesmo em dias de semana, não falando já nos dias de mercado, ver-se pessoas em sérios embaraços, buscando um mictório que, afinal, não existe. Valem-se da caridade alheia para que não sejam forçados a presenciar cenas degradantes que, infelizmente, não pode ser reprimidas por, para a sua repressão, faltar a força moral.

Avizinha-se a época das

(Continua na 4.ª página)

Folhetim da "Tribuna Livre,, 13

SEMPRE NOIVOS

(Recordação do Minho — Usos e costumes)

Por Porfírio de Sousa

—Contractos são contractos, Manuel Gaspar, e se os anos forem bons, vocês, os caseiros, não dão nem um grão de milho a mais aos patrões.

—É que os patrões, ao arrendarem as propriedades, já exigem o máximo que podem receber.

—O máximo!

—Muitas vezes ultrapassa esse limite e quando isso sucede, e sucede quase sempre, já não é o justo rendimento da propriedade, mas o nosso próprio sangue, que nos levam!

—Estás a exagerar, Manuel Gaspar.

—Estou a exagerar?

O Senhor Morgado sabe muito bem que a quinta do Vale não é propriedade para o rendimento que tira dela, através do meu esforço, do meu trabalho!

—Já o teu pai pagava o mesmo ao meu.

—Sim, pagava, mas os tempos eram outros, eram abençoados, não havia tantas doenças nas novidades e hoje, por mais cuidados que haja, vemos morrer uma grande parte delas e as que se salvam ficam atrofiadas e não dão o rendimento correspondente e esse prejuizo representa a perda do nosso trabalho, das nossas caseiras, do nosso suor!

—Mas também sou prejudicado...

—Em quê?!

—Pois não sou eu que compro e pago o sulfato, o enxofre, a cal, etc, etc?

—O senhor Morgado paga tudo isso, é verdade, mas em compensação vende os produtos mais caros e a diferença dos lucros cobrem bem e à vontade, todas as despesas com a aquisição das drogas que inumerou!

—Mas se eu não comprasse todas essas coisas para perseverar as novidades das doenças, menos tu recebias.

—Lá isso é verdade, mas nesse caso já há muito que teria tomado a resolução que só agora tomei.

—Que é a...

—De lhe entregar a propriedade.

—Faz o que entenderes, mas acho que fazes mal.

—Faço mal, faço, ou antes, fiz mal de lha não ter entregue há mais tempo.

E creia, senhor Morgado, que não encontrará caseiro que lha tome de renda pelo que estou a pagar.

—Isso parece-te, Manuel Gaspar.

—Quase que tenho a certeza.

As terras hoje não compensam o trabalho e o sacrifício que se dispende e tem para o seu amanhã.

—Pois antes de eu saber da tua resolução, já me haviam pedido para arrendar a quinta do Vale...

—Só se não conhecem a propriedade.

—Conhecem!

Não digo tão bem como tu, ou como eu, mas a pessoa que me falou é cá da freguesia.

—Não digo que não, mas naturalmente ou não está disposto a pagar o que eu tenho pago até aqui ou, então, não conhece suficientemente as terras.

—Eu, uma vez que tu deixes a quinta, só arrendo pelas mesmas medidas e condições, se não puder obter mais alguma coisa!

—Aqui na freguesia não vejo homem capaz de lhe pagar o mesmo que hoje rendem, quanto mais uma renda maior!

—Pois há e é só eu mandá-lo chamar!

—Então não perca a oportunidade, que não deve ter muitas como essa.

—Estás, então, decidido a sair?

—Já devia ter feito há mais tempo!

—Então, naturalmente, quem te vai substituir é o José do Outeiro.

—O filho mais novo do Polícarpo?!

—Esse mesmo!...

—Mas como, se é solteiro e só?

(Continua)

Monografia do Concelho

Continuação da 1.ª página

- D. Pedro Afonso de *Durrães* o de *Manhente*.
- D. Ouroana Ramires mulher de Mem Gls de *Molles* foi sua tia.
- D. Urraca Ramires mulher de Egas Pais de *Forneles*, também sua tia.
- D. Lourenço Fernandes de *Aborim*, filhos dos precedentes, foi primo co-irmão de D. Gualdim.
- D. Urraca Gomes mulher de Fernão Silvestre de *Encourados*, foi sua prima co-irmã.
- D. Gomes Lopes de *Guisande*, primo em 2.º grau.
- D. Gomes Pais, natural de *Priscos*, na antiga terra de *Penafiel de Bastuço*, contígua à de *Faria*, foi irmão do Mestre.

Cambez foi couto de Paio Ramires, (pai de D. Gualdim) concedido por D. Afonso Henriques.

Certo é que são frequentes as deficiências e as inexactidões com que a cada passo se depara nos Nobiliários; porém, daí a rejeitá-los de todo como precioso subsídio de um estudo em que não se toma por base de argumento uma simples proposição, mas sim a concorrência de indeterminado número de factores, que todos convergem para o mesmo centro, vai uma grande distância, quanto é evidente que conceituados autores lhes tem dispensado relativo crédito.

Extraordinário seria que falhassem todas as premissas, tendo-se na devida conta que os Nobiliários não foram de forma alguma forçados a acomodarem-se ao presente trabalho; este é que foi elaborado sobre eles e com a largueza de fundamentos que permite firmar-se a questão em muitos pontos, se vacila em quaisquer outros.

Em tal pressuposto, forçoso é concluir que, se Montebelo não obteve de fontes seguras, fantasiou, adivinhou ou sonhou que Gualdim Pais se apelidou de *Marecos*, preciso seria eventá-lo, tal é a certeza de tão fortes coincidências.

Acresce, em reforço e abono destas bem reflectidas considerações que aqui se resumem, a confirmá-las e valorizá-las, o poderoso testemunho de Alexandre Ferreira, autor do *Suplemento Histórico ou Memórias e Notícias da Celebre Ordem dos Templários...* de 1735, obra volumosa e raríssima, mas que se encontra na divisão de "Reservados" da B. N., onde diz:

".....o grande e valoroso D. Gualdim Pais, que como direi a seu tempo, era natural de Braga, em distância de seis leguas de Viana...."

O mesmo autor refere ainda, circunstância que não é de desprezar, que Arnaldo da Rocha, compatriota e companheiro de D. Gualdim Pais em terras da Palestina, era natural de Viana, de onde eram naturais os "Rochas", e que assim se apelidavam por serem oriundos do condado *de la Roche* na Borgonha, de onde vieram a Portugal com o conde D. Henrique.

Por aquela forma, Alexandre Ferreira localiza geometricamente o lugar do nascimento de Gualdim Pais, pois contam-se rigorosamente 30 quilómetros sobre a ponte que separa Barcelinhos (a antiga Marecos) de Barcelos propriamente dita.



Tribuna de VILA VERDE

Promoção a escriturário do Tribunal de Vila Verde

Foi promovido a escriturário, continuando a exercer as suas funções no Tribunal desta comarca, o nosso prestimável amigo Manuel Augusto Soares, filho benquisto desta vila.

Por tal motivo este no nosso amigo, ofereceu um lanche na conceituada Pastelaria-Bar desta vila, a todos os seus colegas do Tribunal que decorreu animadamente.

Ao repasto que foi óptimamente servido, presidiu o Senhor Dr. Alexandre Herculano Martins Costa, Delegado do Procurador da República que também representava o M.º Juiz da Comarca.

Usaram da palavra os srs. Angelo da Conceição Ferreira Carmo da Cunha, escriturário de 2.ª classe, Artur Ferreira Carmo Loureiro, oficial de diligências, Casimiro Andrade, escriturário de 2.ª classe e o Senhor Dr. Delegado, que inalteraram as suas qualidades de carácter e boa camaradagem do novo escriturário.

Por fim falou o homenageado que agradeceu sensibilizado as palavras de apreço que lhe dirigiram e prometeu desempenhar cabalmente as suas novas funções como quando era cópista.

Estiveram presentes, além das pessoas já indicadas, os Senhores: António Anselmo Soares, chefe da Secretaria; Mário Mendes Galinha, chefe da 1.ª Secção; António Monte, chefe da 2.ª Secção; José Soares da Silva Lago, escriturário de 1.ª classe; Guilherme Frutuoso de Sousa, copista; Alberto Rodrigues Vilela, Copista; Francisco Amadeu Machado, Eduardo António Peixoto ambos oficiais de Diligências; Manuel Rodrigues da Silva, carcereiro, e Fernando Barros da Silva, estagiário.

Compareceu, também, o Sr. António José da Costa ilustre advogado, em Braga.

No final do repasto, foi apresentado o Delegado de "Tribuna Livre" em Vila Verde—nada sabia—e convidado pelos assistentes a tomar uma taça de espumante, acto em que foi exaltado o nosso semanário pela forma desinteressada como pugna pelos interesses do concelho de Vila Verde ao que o mesmo delegado respondeu e felicitou Manuel Augusto Soares, pela sua promoção a escriturário no nosso Tribunal.

Tribuna de Vila Verde apresenta ao novo escriturário, os seus sinceros parabens pela sua promoção.

Vida Elegante

Completou 42 risonhas primaveras, no passado dia 14, a o nosso amigo Angelo Ferreira Carmo da Cunha muito digno e atencioso escriturário de 2.ª classe no Tribunal de Vila Verde.

A este nosso amigo que está sempre pronto a atender-nos, deseja «Tribuna de Vila Verde» que se repitam os seus anos em companhia de sua Ex.ma família e amigos, por muitos anos.

Deliberações da Câmara Municipal em sua sessão de 11-3-957

— **Offícios:** da Direcção Geral dos Monumentos Nacionais, pedindo para ser informada se os terrenos para a construção dos edificios escolares em Valbom S. Pedro e Codeceda, já foram indigitados. A Câmara informou que já tem os terrenos.

Do Sr. Presidente da Junta de Oriz, Santa Marinha, pedindo a reparação de vários caminhos, mórmente o que conduz ao novo edificio escolar. Ao capataz para informar. Do mesmo Presidente da Junta, pedindo a Bandeira Nacional e cortinas para as janelas do novo edificio escolar e que a Câmara informe a Direcção Escolar de que as canalizações dos sanitários da mesma esco-

la tem defeitos na vedação que compete ao empreiteiro reparar.

Dos defeitos, dê-se conhecimento à entidade competente.

Da Direcção de Urbanização do Distrito de Braga, informando a Câmara que serão anuladas as participações das obras que não forem iniciadas até ao termo da 3.ª prorrogação do prazo de execução. Inteirada.

Do Senhor Governador Civil, enviando um alvará de nomeação do Vereador do Município Senhor Adérito Manuel Martins Barreto, para exercer as funções de presidente durante o impedimento do Titular da Municipalidade. Inteirada.

Da Direcção do Distrito Escolar de Braga, pedindo para que sejam feitas obras na matrícula anexa à escola da freguesia de Freiziz.

Deferido o pedido.

Da Direcção de Urbanização do Distrito de Braga, enviando um auto de medição referente à construção

Continua na 4.ª página)

Ventos da Serra

Novela por Manuel Bastos

A noite ia já muito adiantada. Abri a porta do botiquim e saí para a calçada onde o Joaquim me esperava segurando as rédeas do cavalo.

Não sei porquê a noite não me estava a agradar mesmo nada! Escura que não se via um palmo à frente do nariz e lúgubre como uma bruxa, era verdadeiramente uma noite de Inverno na serra.

Pela porta entreaberta passava a medo a luz avermelhada do candieiro de petróleo que se esbatia tristemente nas pedras húmidas deixando-me ainda mais ansioso pelo calor das mantas felpudas da minha cama.

Mandei para o diabo o raio do costume de vir todas as noites depois de ceiar, trotando pela serra acima no Malhado, dar dois dedos de cavaco ao Mestre João. A verdade é que se eu não aparecesse já sabia que tinha recado em casa a perguntar se havia novidade.

Mas esta noite estava transido; sentia o contacto gélido do vento percorrer-me a espinha apesar do grosso casacão que me tapava todo, e umas tremuras atravessarem-me o corpo fazendo-me bater o queixo de frio.

O bicho também não parecia muito sossegado mas... ali é que não podia ficar. Trotei ligeiro pela vereda acima procurando pensar em coisas alegres.

— Não é amanhã que casa a filha do Miguel com o Tomás?— perguntei a mim próprio agarrando-me como um naufrago à resposta que conhecida há mais de um mês.

— É. E que tem isso? Rica festa, não haja dúvidas. O pai

dele é agarradote mas deve abrir os cordões à bolsa. Também se para o casamento do filho a não abria... nem para lhe fazer o enterro! E eu estava convidado para a boda. Nem sei se devia ir, se não... Sempre era uma maçada! Discurso que me faziam rir, fogueatório rijo...! Nem sei! Depois se havia de ver.

— Mas... que raio é aquilo ali? Ali é verdade... o vento! Também com as paredes assim já não aguenta outro inverno. Dizem que aparecem almas penadas bruxas! Ora! Histórias de entretreter velhas à lareira.

Mas... com mil diabos, esta hora e com uma noite assim isto é de meter medo a mais pintado.

— E parecia que qualquer coisa estava acolá a mexer... Nada! Era a sombra dos ramos do carvalho em frente acoutados pela ventania a oscilar.

— Leve o diabo os agoiros e não olhando mais p'ra lá não verei nem se mexe, nem se não mexe.

— Mas... se é alguém que está lá mesmo de embuscada. Virei lentamente a cara e um relampago rasgou a noite alumando fugidamente o velho claustro, as cruces rígidas das colunatas e as paredes alvacentes como sudários!

O vento uivou mais forte e o ramalhar das árvores parecia um canto de sereia que me redemoinhava nos ouvidos; sentia o peito estalar-me a cabeça perlar-se de bagar de suor gélido como deve ser o do cadáver na tumba.

Pareceu-me chegar aos ouvidos o coro fúnebre de remotos frades soletrando em can-

Continua na 4.ª página)